

A Vitória Colegial

registros de sucesso escolar nos anos 1950

Miriam Waidenfeld Chaves*

Resumo:

Este trabalho toma como fonte de análise a revista *A Vitória Colegial*, publicada pelo Colégio Santo Inácio nos anos de 1950. Ele é dividido em três partes: na primeira, faz uma reflexão sobre um possível diálogo entre a história da educação, a sociologia e a história; na segunda, mostra como o “clima” cultural daquele momento se encontra presente no impresso, indicando a sua atualidade e conexão com os acontecimentos da época. Na última parte, tem como foco a materialidade da revista, suas estratégias editoriais e de escrita, para salientar que objetivava reforçar a crença no sucesso e na excelência da vida, tanto escolar quanto familiar, de seus leitores.

Palavras-chave:

A Vitória Colegial; história da educação; sociologia; história; elite cultural.

* É professora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Desenvolve, junto ao Programa de Estudos e Documentação em Educação e Sociedade (Proedes), a pesquisa “Cultura escolar dos colégios católicos do Rio de Janeiro nos anos de 1920/1950”.

A Vitória Colegial

records of school achievements in the 1950's

Miriam Waidenfeld Chaves

Abstract:

This paper is about the educational newsletter *A Vitória Colegial*, published by Colégio Santo Inácio along the 1950s. The section I aims to point the dialectic relationship between history of education, sociology and history. The section II discusses the extent to which the newsletter was tuned with and able to depict the cultural environment of that decade. The last section aims to highlight editorial and writing strategies employed by the newsletter to reinforce the belief of the school's pattern of excellence in regard to both school and private life.

Keywords:

A Vitória Colegial; história da educação; history; sociology; cultural elite.

As pesquisas no campo da história da educação têm-nos surpreendido, na medida em que a perspectiva cultural continua apontando novas formas de compreensão sobre a escola, que, neste caso, não seria mais vista apenas como instância que reproduz a realidade social.

Esse tipo de abordagem tem, inclusive, possibilitado um diálogo bastante fértil com a sociologia¹, que por meio de seu aporte teórico metodológico contribui para que os estudos sobre o cotidiano escolar se aprofundem e, conseqüentemente, produzam novos resultados de análise. Autores como Norbert Elias e Pierre Bourdieu, pela maneira como definem a relação entre indivíduo e sociedade, ratificam essa proposição e ainda colaboram para a constituição de uma sociologia histórica ou uma história sociológica das práticas culturais (Chartier, 1990, p. 13), que, por sua vez, ampliaria as pesquisas no âmbito da própria história da educação; ou seja, estar-se-ia defendendo a existência de uma história da educação que ultrapassasse a polarização entre a objetividade das estruturas e a subjetividade das representações para que, desse modo, se “considera[sssem] os esquemas geradores das classificações e das percepções, próprios de cada grupo ou meio, como verdadeiras instituições sociais, incorporando sob a forma de categorias mentais e de representações coletivas as demarcações da própria organização social” (idem, p. 18).

Este trabalho, ao partilhar dessas ideias, acredita que estudos sobre a cultura escolar não podem ignorar as afirmações acima. Precisam levar em conta que um entendimento acerca dos saberes e práticas,

1. Algumas iniciativas que comprovam esta afirmação: A sessão especial – *Escalas de observação: possibilidades de pesquisa e relações entre educação e ciências sociais* – encomendada pelo GT de História da educação na ANPED de 2007 e que contou com a presença de Jacques Revel e Zaia Brandão; a publicação do artigo “As contribuições da sociologia da educação para a pesquisa histórica”, de Clarice Nunes, em 2007, no livro organizado por Lea Paixão e Nadir Zago, *Sociologia da educação. Pesquisa e realidade brasileira*; a apresentação de Luiz Antônio Cunha, em 2007, no Seminário de 20 anos do PROEDES, “Diálogos entre a sociologia e a história na pesquisa em educação”; e, finalmente, o minicurso oferecido por Cynthia Greyve sobre Norbert Elias no V Congresso Brasileiro de História da Educação, em 2008.

usos e representações a respeito da escola pressupõe uma compreensão sobre quem produz/consome esses mesmos conhecimentos, atitudes e comportamentos. Supõe trazer à cena investigativa os indivíduos que compõem a realidade escolar, a fim de que sejam considerados produtores de sentidos que se relacionam a partir da configuração social (Elias, 1999, p. 140) ou do campo (Bourdieu, 1989, p. 59) em que se encontram posicionados. Enfim, conclui-se que os trabalhos no campo da história da educação que se localizam no entroncamento da história com a sociologia podem fornecer “novas” possibilidades de análise sobre a realidade escolar.

Nesse sentido, este texto toma como referência a revista *A Vitória Colegial*², publicada pelos alunos do Colégio Santo Inácio, nos anos 1950. Ele é dividido em três partes: na primeira, faz uma pequena discussão acerca de um possível diálogo entre a história da educação, a sociologia e a história; na segunda, mostra como a revista se mantinha conectada aos acontecimentos socioculturais da época, permitindo, inclusive, que seus autores/leitores se familiarizassem com as discussões do momento. Na última parte, tem como foco a materialidade da revista, suas estratégias editoriais e de escrita, para salientar que objetivava reforçar a crença no sucesso e na excelência da vida, tanto escolar quanto familiar, de seus leitores.

Cabe, ainda, chamar a atenção sobre a importância da década de 1950 para os estudos sócio-históricos a respeito da escola. Nesse período, a educação encontra-se no centro das discussões políticas do país, e torna-se inviável pensar num projeto nacional sem um projeto educacional, questão que, daquele momento em diante, se reduz a um conflito de interesses entre tecnocratas, donos de escolas, professores e estudantes (Schwartzman et al., 2000, p. 281-282).

2. Este texto é fruto dos primeiros resultados de uma pesquisa sobre revistas escolares, intitulada “Cultura escolar dos colégios católicos no Rio de Janeiro (1920-1950)” que tem como fonte/objeto as revistas *Echos*, do Colégio São José; *A Alvorada*, do Colégio São Bento; e *A Vitória Colegial*, do Colégio Santo Inácio.

História e sociologia: um diálogo fértil para história da educação

As relações entre história e sociologia têm-se constituído a partir de um diálogo bastante fértil, que serve para o desenvolvimento de ambas as ciências sociais (Burke, 1980; Chartier, 1990, Braudel, 1992; e Elias, 1993). Essas relações indicam que esse tipo de abordagem permite resultados que procuram combinar certa generalização do fenômeno social investigado com a necessidade de ressaltar algumas de suas próprias diferenças e particularidades (Burke, 1980, p. 9).

No caso, este texto, ao analisar os valores, comportamentos e atitudes que exalam das páginas de *A Vitória Colegial*, procura não esquecer que essa revista, apesar de se compor a partir de uma especificidade que é definida pela vontade de certos indivíduos ou grupos de indivíduos que a editam ou leem, também se encontra conectada a uma estrutura histórica social que a determina – o contexto histórico da época (Levi, 2006, p. 167).

Ao mesmo tempo em que seu discurso (Bourdieu, 1996, p. 85) indica um maior ou menor grau de individuação/liberdade de quem escreve ou lê a revista, também pressupõe certa determinação imposta tanto pelas características socioculturais da época em que o impresso foi produzido quanto pelas especificidades da ordem religiosa a que se vincula – a Ordem dos Jesuítas. Essa perspectiva intermediária passa a compreender *A Vitória Colegial* como uma territorialidade cultural que se embasa em uma percepção precisa dos indivíduos, dos grupos de indivíduos, da vida social e da relação entre normas e comportamentos.

Persegue-se, então, outra maneira de construção do social, mais exatamente aquela que tenta resolver o dilema clássico das ciências sociais (Elias, 1994) – optar por análises que privilegiem ora o indivíduo, ora a sociedade – a partir da própria relação *entre* essas duas instâncias sociais: dar às experiências vividas pelos autores dos artigos (alunos, professores, reitores, diretores e ex-alunos) um destaque que só pode ser levado a cabo, caso ainda se considere a posição social que cada indivíduo ou grupo de indivíduos ocupa no interior da configuração social em que se encontra (Elias, 1999, p. 140). Nesse caso, os autores dos artigos são

entendidos não como meros indivíduos isolados no interior da escola, mas como indivíduos que compõem grupos diferenciados, que possuem diferentes propósitos em relação à escola, pressupondo experiências e escritas também diferenciadas.

Consequentemente, a revista será compreendida somente como decorrência de uma imbricação entre seus idealizadores, autores e leitores, e o meio social em que é produzida, ou seja, o Colégio Santo Inácio na década de 1950.

Essa característica intersticial (Levi, 2006, p. 181), ao indicar que os grupos ou os próprios indivíduos – reitor, diretor, professor, aluno e ex-alunos – se posicionam de forma variada ao redor da revista, mostram a constituição de um processo de individuação que é conduzido, ao contrário do que se poderia supor, pela direção da escola, que, nessas condições, é quem detém a última palavra sobre a revista. Portanto, refere-se a um processo de individuação controlado, já que as autoridades do colégio procuram, ainda que à distância, manter sua fiscalização sobre o que é publicado e editado no impresso.

Além dessa questão, que envolve tanto a sociologia quanto a história, *A Vitória Colegial* confirma uma hipótese bastante familiar à sociologia da educação: a ideia de que as escolas católicas, algumas centenárias, formam parcela significativa da elite nacional que, mais tarde, irá ocupar os postos de direção da nossa sociedade. Por meio da eficácia de seu trabalho pedagógico, essas escolas produzem a crença de que seus alunos constituem um grupo de alunos restrito, à parte dos demais grupos de alunos, que, por compartilhar dos mesmos valores, experiências e redes de amizades, criam para si uma imagem de excelência, reforçada ainda pela crença em suas qualidades intrínsecas.

A cultura humanística religiosa e a valorização do passado garantem ainda a fermentação desse conjunto de valores que alicerçará a formação daqueles que escrevem e leem *A Vitória Colegial*. Esses comportamentos são acionados pelos alunos nas formaturas, na medida em que seus discursos se encontram encharcados pela certeza de que aqueles que se despedem do colégio construirão um futuro com base em seu passado: todos seriam herdeiros da mais pura linhagem de colégios católicos do Brasil:

D’ora em diante o passado será amiudamente evocado por nossa conduta. No espelho do presente as imagens do que fizemos de proficuo no pretérito refletir-se-ão fielmente nas atitudes que assumirmos, nas resoluções que tomarmos, nos empreendimentos que realizamos.

Para a vida já estamos definidos. Trazemos conosco, posto que o não saibamos, os germens de todas as nossas futuras realizações úteis, sociais, artísticas ou científicas. O terreno de nossa mentalidade, cuidadosamente adubado em todos esses anos abriga em seu seio fértil a boa semente. A nós nos cumpre ter tento nela, regando-a, preservando-a das enxurradas malignas... [A *Vitória Colegial*, mar. 1952, p. 4].

Os artigos da revista informam ainda que, além da educação religiosa e da formação intelectual, o colégio se preocupava em consolidar em seus alunos o que de melhor existia na “alta cultura”. Seu ensino compunha-se de uma base geral que enfatizava, além da religião, a necessidade da aprendizagem da língua portuguesa, da literatura, da filosofia e da ciência.

Os artigos “O teatro”, “Molière e o teatro francês”, “Machado de Assis” e o “O gênio de Leonardo da Vinci”, junto com “Bombas – foguetes”, “O Brasil na era da aviação a jato” e “A verdade sobre a corrida do espaço”, mostram como o colégio procurava mesclar em sala de aula o ensino de uma cultura dita “desinteressada” com um tipo de conhecimento de base científica, na tentativa de manter a conexão entre o passado, lugar da tradição, que não deve ser esquecida, e o futuro, lugar do progresso e do desenvolvimento.

Portanto, a revista *A Vitória Colegial*, fonte/objeto das pesquisas históricas, transforma-se aqui em um rico material no qual é possível buscar algumas respostas para a sociologia da educação atual no que se refere à relação entre sucesso escolar e grupos dirigentes. Sua edição pressupõe a fabricação de certos comportamentos e valores que reforçam a ideia de que aqueles que a produzem/leem compõem um grupo de alunos oriundos de um colégio pertencente a um grupo de escolas dominantes no Rio de Janeiro, que, conseqüentemente, formariam parcela importante de nossa elite nacional. Além disso, essa publicação

possibilitaria uma compreensão sobre as formas de produção/recepção do ensinado/aprendido, que expressaria o resultado de todo um processo social de aprendizagem. Este último, então, seria compreendido como fruto de imbricações entre o que se impõe ensinar e o que se aceita ou se nega aprender, e não apenas como um resultado final dos objetivos da escola.

Qual a cor dos anos dourados?³

Apesar de a reflexão acadêmica propor um questionamento sobre o mito dos “Anos Dourados”, este período ficou conhecido como um tempo de grande atividade cultural. Essa ideia torna-se ainda mais forte caso se encontre associada a um projeto de crescimento e modernização econômica que, junto com um determinado modelo educacional, garantiria a entrada do Brasil no rol dos países desenvolvidos.

Esses “bons tempos”, que nos fizeram acreditar que vivíamos momentos de esperança, otimismo e liberdade (Bomeny, 1991, p. 144), foram marcados pelos governos nacionalistas, com fortes doses de populismo de Vargas e, principalmente, de Juscelino Kubistchek, que muito contribuíram para o fortalecimento dessa imagem⁴.

Sobretudo, a partir dos anos Juscelino Kubistchek, a proposta de que o desenvolvimento econômico se estabelecesse junto ao desenvolvimento político termina por associar um Brasil “moderno” a um Brasil “democrático” (Gomes, 1991, p. 3). A sociedade brasileira, cada vez mais diversificada, permite a elaboração de um tipo de análise histórica que procura romper o ciclo de atraso vivido até aquele momento.

A urbanização, a industrialização e a tecnologia transformam-se na mola propulsora do novo projeto nacional a ser colocado em prática e,

3. Título da introdução escrita por Ângela de Castro Gomes para o livro *O Brasil de JK*, por ela organizado e publicado em 1991, pela FGV.

4. Cabe ressaltar a diferença entre cada um dos projetos nacionalistas na medida em que o nacionalismo de JK se constituiria pela forte presença do capital estrangeiro.

como parte do pensamento desenvolvimentista⁵ da época, possibilitam ao passado constituir-se em uma força que elucida o presente, que, desse modo, produz outra leitura sobre a nossa história.

O Rio de Janeiro, capital do país desde 1763, sofre de maneira direta a influência desse “clima”. Seus espaços sociais, culturais e educacionais são impregnados por essa atmosfera que fabrica uma série de ícones que atravessam algumas décadas e acabam por emoldurar o período em questão. Assim como Distrito Federal, a cidade vive a tensão entre a ingerência direta do governo central e a fragmentação e pulverização de seus espaços (Motta, 2000, p. 30), cada vez mais marcados por uma intensa atividade cultural.

Sede da Rádio Nacional, do teatro de revista, do cinema novo, da bossa nova e da música de protesto, o Rio de Janeiro irradia para a nação um clima de euforia devido ao fim do Estado Novo, da Segunda Guerra, e de protesto resultante das novas percepções sobre a nossa história. Se, nas plumas e paetês das nossas vedetes e, mais tarde, da bossa nova, se celebra a alegria, em 1955, Néelson Pereira dos Santos, com o filme *Rio 40º*, cuja canção de Zé Kéti, “Voz do morro” se transforma na cara de um novo Brasil que se quer conhecer, contribui para a consolidação de uma vertente crítica da nossa cultura, que parcela da intelectualidade carioca ajuda a criar.

Essas múltiplas manifestações culturais impulsionam a transformação social, ao mesmo tempo em que modificam os comportamentos e atitudes, tanto das instituições quanto dos grupos de indivíduos que por elas transitam. A Igreja, por conseguinte, percebe a necessidade de repensar a sua missão (Mainwaring, 2004, p. 33), e os colégios católicos se veem obrigados a alterar alguns pressupostos de sua pedagogia. Por meio de uma nova postura, procuram dar outra interpretação a alguns conceitos presentes no seu dia a dia escolar.

5. Ideologia que floresce na América Latina nos anos 1940-1950 e empolga todo um grupo de intelectuais que, de forma variada, defende tanto uma industrialização nacional quanto a consolidação do desenvolvimento capitalista nos seus países de origem.

Essa prática pode ser percebida pela forma como a Igreja lida com a relação entre ciência e fé. Ao continuar acreditando que a universidade só cumpriria a sua função caso estivesse atrelada aos princípios cristãos, ela resolve criar, em 1941, no Rio de Janeiro, uma universidade que garantiria a continuidade da formação de seus ex-alunos, que, socializados nos moldes da pedagogia católica, saberiam distinguir a verdade da pseudociência.

O artigo a seguir, transcrito em *A Vitória Colegial*, “Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro”, indica a solução do problema por meio da fundação das Faculdades Católicas, hoje Pontifícia Universidade Católica, nas instalações do próprio Colégio Santo Inácio:

Formar sábios, investigadores intelectuais, habilitá-los ao trabalho que faz progredir a ciência, laurear diretores ou ensinantes dos demais: função douctoral, função científica, formar profissionais das chamadas carreiras livres...

Servir à ciência com toda a lealdade e com todo fervor... o investigador católico trabalha com alegria de quem está certo de que sondando os mistérios da natureza, repensam os pensamentos do Criador...

Servir à sociedade, formando os que nos postos de maiores responsabilidades, hão de assegurar-lhe a vitalidade sadia das funções mais importantes...

Firma-se assim a alta missão social das Universidades Católicas. Preparar chefes em que a vida intelectual e a vida moral se tenham compenetrado na harmonia de uma síntese equilibrada não é conquistar um dos maiores títulos de benemerência social? [Palavras do padre Leonel Franca em 27 de março de 1946 e parte do artigo em questão, *A Vitória Colegial*, out. 1950, p. 11].

Diante das transformações dos anos de 1950, a Igreja vê-se obrigada a se tornar mais tolerante, iniciando um trabalho pastoral mais intenso por meio da adoção de uma política mais popular. Sua evangelização, agora em uma sociedade mais complexa e marcada pelas influências tanto do comunismo quanto das religiões protestantes e espíritas (Mainwaring, p. 52), é redefinida, e assim, se inicia um amplo trabalho em prol da justiça social (idem, p. 63).

A *Vitória Colegial* incorpora essa ideia, convidando seus leitores, à altura de sua posição social, a conhecer essa nova realidade atravessada pelas diferenças sociais. A reportagem, “O verdadeiro amor”, escrita por Guilherme E. Guinle, pertencente a uma das mais tradicionais famílias do Rio de Janeiro, nos anos de 1950, descreve o significado dessa operação, por meio da exaltação do trabalho missionário jesuítico:

“‘Deus, charitas est’. A verdadeira caridade, aprenderemos de nossos diretores, superiores e mestres, e conhecendo a verdadeira amizade, o verdadeiro amor, estaremos mais próximos do conhecimento de Deus, e, conseqüentemente, mais próximos de sua posse, nossa perene felicidade” (A *Vitória Colegial*, out. 1957, p. 8).

Ao ressaltar que o mundo não se restringia ao estilo de vida do grupo de alunos do Colégio Santo Inácio, o artigo “Apostolado da cruzada”, publicado em maio de 1950, procura descrever a visita de um grupo de alunos do colégio à Rua Cinco, “um lugar afastado e perdido sobre um monte na Gávea”⁶, para a sua “missãozinha entre os pobres: dar catequese e distribuir presentes”.

Além desse aspecto, temas da atualidade como o petróleo, a corrida ao espaço, o socialismo e o espiritismo compõem alguns artigos da revista. Emblemático é aquele sobre o divórcio que, em uma clara demonstração de que a revista não poderia ficar de fora dessas discussões, afirma: “A reportagem d, A *Vitória* não poderia ficar alheia ao discutido assunto que abala a cidade: O *divórcio*. Por este motivo é que decidimos empreender esta enquete dentro do próprio Colégio...” (out. 1951, p. 2) [grifo do autor].

A partir de 1958, ano em que se inicia a discussão sobre a transferência da capital para o cerrado goiano, a revista começa a publicar uma série de artigos – “Arquitetura e urbanismo” com o propósito de também se incluir nesse debate nacional. Com uma linguagem técnica, dirige-se aos futuros arquitetos e engenheiros do colégio, com o objetivo

6. Hoje, provavelmente, a Rocinha, uma das maiores favelas da cidade.

de tornar claros os princípios tanto arquitetônicos quanto urbanísticos que envolviam a construção de Brasília.

“Passeio à Brasília”, ainda de 1958, escrito por Carlos Alexandre Rodrigues, reafirma o ineditismo da revista: antes da própria inauguração da cidade, um aluno do colégio já a tinha visitado e podido contar em primeira mão as suas impressões sobre esse importante acontecimento para o país. Revela, inclusive, como veremos posteriormente, um estilo de vida que se caracterizava pela convivência muito próxima ao poder, aspecto que lhe conferia a distinção necessária para se posicionar como integrante de um grupo de alunos à parte dos demais grupos de alunos:

No dia primeiro de junho fui com papai em uma excursão, promovida pelo Instituto Brasileiro de Aeronáutica, conhecer a futura capital do Brasil. Partimos de manhã cedo num avião especial do Loide Aéreo Nacional, um “Curtiss-Commander” também conhecido por O-46, que ia completamente lotado.

Depois voltamos para o aeroporto onde já estava um grande movimento... Papai queria que eu tirasse uma fotografia ao lado do Presidente Juscelino, mas como ele estava demorando muito, o piloto do avião achou melhor voltarmos logo, pois já eram mais de 3 horas da tarde [jul. 1958, p. 9].

Esses exemplos comprovam que a revista, ao mesmo tempo em que procurava criar uma imagem moderna, atualizada e em sintonia com os acontecimentos da época, também optava por antecipar a discussão de alguns assuntos como forma de manter o controle sobre os rumos da discussão, garantindo que permanecessem sob o raio de sua influência.

Um estilo de vida inaciano

Compreender os comportamentos e valores produzidos por *A Vitória Colegial* implica, de antemão, situar o próprio lugar social onde é produzida. Pressupõe entender as estratégias que a transformam em um impresso que tem como meta criar em seus leitores a crença na superioridade de suas qualidades morais e intelectuais.

Um colégio com história

Toda escola é boa. Mas como o Santo Inácio, só outro Santo Inácio. Porque no Santo Inácio não só se estuda, como em outra escola qualquer, como também se obtêm uma formação moral e espiritual [aluno do admissão, *A Vitória Colegial*, maio 1957, p. 7].

Vinha de um colégio pequeno e quando vi aqueles corredores, o pátio interno, aqueles andares de colunas, depois os recreios, o cinema às terças-feiras e a piscina, fiquei escandalizado [aluno, *A Vitória Colegial*, mar./abr. 1958, p. 4].

Esses depoimentos revelam um pouco do colégio que, ao longo de sua trajetória, construiu uma imagem de prestígio (Almeida, 1999) que, década após década, tem se perpetuado na mente daqueles que por ele transitam.

O Colégio Santo Inácio pertence ao grupo de escolas jesuíticas, desta ordem religiosa que se encontra no Brasil desde 1567, ano em que, por meio da catequese, fundam o Colégio dos Jesuítas, tendo o padre Manoel da Nóbrega como seu primeiro reitor. Foram expulsos do Brasil em 1759, para retornarem em 1814, mas apenas em 1900, no Flamengo, é que se funda uma pequena escola primária, para o ensino de música e preparação para a primeira comunhão.

Em 1903, os padres mudam-se para Botafogo que, assim como o Flamengo, era um bairro da zona sul. No número 132, mais tarde, no 226 da Rua São Clemente, local das mansões dos barões de café ao final do século XIX e início do século XX, começa a funcionar o Externato Santo Inácio. Somente em 1905, a casa é comprada e, com 92 alunos, o colégio dá continuidade à sua história. No ano de 1943, passa a chamar-se Colégio Santo Inácio, e em 1956 é criado o curso primário.

Em 2003, em sessão solene pelo centenário do colégio, na Sala Cecília Meireles, tradicional espaço de música erudita do Rio de Janeiro, o reitor, em seu discurso, faz a seguinte afirmação:

Qual o segredo, o mistério dessa casa que no decorrer dos anos foi se transformando em um santuário? Em meio a tantas mudanças, um fio condutor perpassa o tempo e o espaço com a mesma energia dos primeiros momentos. Santo Inácio e os jesuítas, através da *Ratio Studiorum*, queriam que seus colégios formassem a juventude para o sucesso, para a realização pessoal, sem deixar de levá-los a refletir sobre o sentido da vida.

Sua modernidade retoma do passado a tradição de seriedade, empenho e eficiência organizacional na busca da excelência acadêmica.

Por isso, ao comemorar estes 100 anos, queremos expressar nossos sentimentos de alegria pelo que esta escola representa na história do Rio de Janeiro [*Colégio Santo Inácio*, 2004, p. 44]

O questionamento a respeito do segredo e do mistério do colégio encontra-se nas palavras do próprio texto citado: história, tradição, *Ratio Studiorum*, excelência acadêmica e mudança. Aliás, sua excelência acadêmica é garantida pela sua própria história, que se confunde com a história da cidade, cujos fundadores, padre Manoel da Nóbrega e Anchieta, são os mesmos do Colégio Jesuíta, base do Colégio Santo Inácio.

Entretanto, se a sua história é a prova legítima de que o Colégio Santo Inácio pertence à mais pura linhagem dos colégios de padres que, desde os tempos da colônia, continuam formando a nossa elite nacional, não se pode esquecer que ele também quer construir a imagem (Almeida, 1999) de um colégio conectado ao futuro, pois reconhece que a mudança e a inovação são pré-requisitos importantes, que garantem a reprodução de sua posição privilegiada no interior do grupo das escolas dominantes do Rio de Janeiro. Assim, o colégio procura manter a sua excelência acadêmica por meio da combinação entre passado e futuro, tradição e modernidade, conservação e mudança.

Sem embargo, essa fórmula encontra-se presente em *A Vitória Colegial* dos anos 1950, numa prova de que o *modus operandi* anteriormente descrito também é a marca da revista. Suas estratégias editoriais e discursivas, descritas a seguir, confirmam esse procedimento.

Uma revista de alunos

Alcançando a primeira colocação na categoria de revista secundária oficial na segunda Exposição Brasileira de Publicações Estudantis, realizada em julho de 1955, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), *A Vitória Colegial* transforma-se em um rico manancial de análise sobre o sucesso escolar de alunos pertencentes às famílias de frações dominantes cariocas. Constitui-se em uma obra de autorreferência, cujos leitores, ao folhearem as suas páginas, como em um espelho invertido, reconhecem a sua imagem de sucesso estampada na revista.

Frequência e periodicidade

As edições são regulares e sem interrupção. A periodicidade mantém certa ordem, e a revista permanece no cenário escolar por um longo período.

Começa a ser editada na década de 1940 por alunos do curso secundário da escola. É publicada com uma média de seis a oito revistas anuais. Nos anos de 1951, 1955, 1956 e 1958 editam seu primeiro número em abril e o último em novembro, sem interrupção, perfazendo um total de oito exemplares anuais, enquanto os de 1953, 1957 e 1959 possuem sete edições mensais, de modo geral sem o mês de julho, nos anos de 1950, 1952 e 1954 conseguem produzir apenas seis números em cada ano.

O suporte da revista: as estratégias editoriais e de escrita

Impressa em uma gráfica da cidade, a revista mede 21cm x 15cm, contém uma média de 35 páginas e encontra-se recheada de fotografias do colégio, dos santos, da cidade e, principalmente, dos alunos. Demonstra uma grande preocupação com a sua feitura, que só pode ser descrita como sendo de muito cuidado, esmero e sofisticação.

O tamanho dos artigos é diversificado. Com apenas meia coluna, de três ou até quatro páginas, os artigos são assinados pelos autores, os alunos, que constituem o grupo mais presente na revista.

Outro aspecto relevante é que a linguagem utilizada nos textos é densa, cheia de detalhes e definições, pressupondo um aluno – autor e leitor – que possui um contato bastante estreito com a língua portuguesa.

Não há sessões fixas, apenas algumas matérias frequentes que, de certo modo, determinam o “clima” da revista. Referem-se aos retiros espirituais dos alunos, ao esporte, à importância do trabalho missionário, ao escotismo, às artes, às últimas pesquisas no campo da medicina, engenharia e botânica, à universidade, aos jesuítas e a sua história⁷.

Tudo indica que esses temas teriam como objetivo influenciar o aluno em sua formação, na medida em que se acreditava que os efeitos dessa leitura poderiam produzir naquele alguma modificação interna; ou seja, parte-se da premissa de que a revista, em sintonia com os princípios inicianos, estaria preocupada em desenvolver em seus produtores/leitores a emoção, o espírito, o pensamento e os cuidados com o corpo. Incentivaria, inclusive, a realização de inúmeras atividades que os envolveriam integralmente.

As capas, por sua vez, exibem apenas uma fotografia, na maioria das vezes dos alunos em alguma situação cotidiana, e embaixo da foto o nome da revista. Ainda que raro, em outras capas aparecem o Cristo, Nossa Senhora, índios e também crianças negras, em um claro reconhecimento de que o mundo é composto por outros povos que não devem ser esquecidos. Na contracapa, novamente, o nome do impresso ao alto, e abaixo o dizer “Periódico dos alunos do Colégio Santo Inácio”, o endereço da escola, o nome do diretor e do vice-diretor responsáveis – padres – o ano, o mês, o número da edição, o sumário e, curiosamente, uma explicação sobre a foto da capa⁸.

Apesar de os alunos comporem o grupo mais relevante da revista, de modo equidistante ela também é composta pelo grupo da direção, que

7. Posteriormente, de acordo com o desenvolvimento da pesquisa, pretende-se aprofundar esta questão, por exemplo, organizando quadros estatísticos sobre as matérias (discriminação dos temas e dos assuntos mais publicados).

8. Vale a pena exemplificar: “O aluno Luiz Fernando G. em seu veleiro, com a paisagem sempre nova da Guanabara”, de agosto de 1952 ou “Quarteto atacante da poderosa seleção dos maiores”, de novembro de 1958.

“supervisiona” a sua elaboração. Como representantes desses grupos, alguns alunos e alguns membros da direção têm seus nomes repetidos nas revistas, denunciando a existência de um forte processo de individualização.

Os nomes dos padres diretores na capa, dos autores dos artigos, dos melhores alunos e dos que passaram para a universidade, com sua foto e média nos quadros de honra do impresso, e dos alunos na contracapa, em uma nota explicativa sobre a sua foto na capa, é a demonstração clara desse processo, cuja eficácia produz naqueles que lá não se encontram um sentimento de frustração: “Gosto muito da revista ‘A Vitória’... Só não gosto da ‘Vitória’ porque nela nunca saiu a minha fotografia. Já tirei duas vezes! Uma com o meu time de futebol dominical, outra com minha turma” (jun. 1957, p. 4). Essas estratégias demonstram como os grupos e os próprios indivíduos se posicionavam de forma variada ao redor da revista, podendo ou não se constituir em alguns processos de individualização mais evidentes, à medida que alguns nomes passam a aparecer mais sistematicamente na revista. Entretanto, não se pode esquecer que esses processos de individualização são controlados, já que a direção da escola mantém a fiscalização sobre a revista.

“O céu é o limite”: as razões da distinção

A Vitória Colegial, por meio de uma série de operações minúsculas, aparentemente insignificantes, produz um conjunto de crenças que contribui para que seus autores/leitores se percebam como um grupo de alunos que se encontra em uma posição superior em relação aos demais. Baseia-se na explicitação de certos valores e em um gosto que procura estabelecer certas diferenças por meio de um ato de distinção que desconsidera aquilo que não se encontra em acordo com o seu senso estético. Conforme palavras de Bourdieu:

O senso de distinção, disposição adquirida, movida pela necessidade obscura do instinto, afirma-se não tanto nos manifestos e nas manifestações

positivas da certeza em si, mas nas inúmeras escolhas estilísticas ou temáticas que, tendo como princípio a preocupação em *marcar a diferença*, excluem todas as formas (consideradas em determinado momento como) inferiores da atividade intelectual (ou artística)... [2007, p. 460].

A aversão pelo gosto fácil (p. 448) pode ser constatada por meio do artigo “O teatro”, de junho de 1950, escrito por Oscar Carvalho, aluno do clássico:

É bem lamentável que num país como o nosso, onde não falta o gênio artístico do povo, existam tão poucas empresas que se possam denominar boas. Muito dos bons teatros em nossas cidades foram transformados em cinemas. E por que tal abandono de Molière e Shakespeare? Estará o povo indiferente à arte? Infelizmente sim, estamos numa era de indiferentismo e superficialidade.

O próprio teatro da Revistas está decadente, porque seus espetáculos são fracos, desprovidos de senso artístico e – o pior – de senso moral e povoado de obscenidades e de baixa ironia [p. 6].

Ao fazer essa crítica, o aluno encontra-se em dia com as discussões acerca dos rumos do nosso teatro nos anos 1950, que procuram estabelecer as diferenças entre teatro e espetáculo, arte e não arte (Velloso, 1991, p. 128).

A Vitória Colegial, juntamente com a Academia Literária do colégio, ao incentivarem a música clássica, a literatura e o teatro entre os alunos, provam que, entre a arte e a não arte, optam pela primeira.

A utilização da palavra “vitória” no nome do impresso reforça ainda mais a ideia de que compõem um grupo restrito, já que a vitória e o sucesso são para poucos. Conforme o *Dicionário Aurélio*, “vitória” significa “triunfo” e “êxito brilhante em qualquer campo de ação”, seus autores/leitores estariam fadados ao “triunfo” e ao “êxito brilhante em qualquer campo de ação”, seja em sua vida escolar ou familiar.

Esse triunfo, que circunda a vida desses alunos e emana das páginas do impresso, ocorre de modo paralelo à construção da crença de que

tudo o que acontece no colégio se reveste de grande importância, acima de qualquer expectativa. Na reportagem de 1955, “O maior espetáculo da terra”, para descrever um simples jogo de futebol entre o admissão e o terceiro científico, a opinião de um aluno, publicada em 1956, “o Santo Inácio é um dos melhores colégios do mundo”, e o discurso do professor Manoel Couto, paraninfo da turma de 1950, transcrito para a revista, confirmam essa hipótese. Demonstram, ainda, a fê na relevância das vidas daqueles que lá estudaram e, desde os tempos da colônia, têm abrilhantado a nossa sociedade:

Tenho a certeza de que os ex-alunos deste Colégio estejam onde estiverem, continuarão a ser inacianos e a prova do que vos afirmo é a presença neste recinto de muitos rapazes que por nossos bancos escolares já passaram e que mais uma vez vem rever seus mestres e abrilhantar solenidades como a de hoje!

Que belos exemplos nos têm dado os homens da Companhia de Jesus e quanto a civilização brasileira lhes deve, desde os tempos em que éramos apenas colônia! [abr. 1950, p. 3].

Esse sentimento de grandiosidade, no qual tudo é superlativo, transparece em quase todas as páginas da revista, que não perde a oportunidade de chamar a atenção para os feitos de seus alunos, cuja vida seria envolvida com acontecimentos igualmente grandiosos. É como se o impresso quisesse reafirmar a ideia de que, para o Colégio Santo Inácio cumprir seu augúrio, isto é, encontrar-se sempre entre o grupo das escolas mais prestigiadas da cidade, seus alunos e ex-alunos precisariam permanecer “inacianos”. Teriam que se situar nas posições mais elevadas do meio social – escolar, esportivo, profissional e cultural, por exemplo – no qual porventura transitassem. “Ex-alunos do Colégio Santo Inácio Oficiais Gerais”, “Um aluno do Santo Inácio visita Formosa a convite do governo chinês” e “Conquistado por um ex-aluno do Santo Inácio o primeiro Prêmio Mundial de Piano” são exemplos emblemáticos desse tipo de artigo, que tem a função de reafirmar um estilo de vida marcado pela vitória:

Ricardo Joppert, que tem 16 anos de idade e que fala chinês, fluentemente, ganhou, há poucos meses, um prêmio na TV-Tupi respondendo sobre a história da China. Impressionado com os conhecimentos do candidato ao “Céu é o Limite”, o Embaixador da China Nacionalista no Brasil entregou ao talentoso rapaz um convite de seu Governo para visitar Formosa.

Ricardo conheceu pessoalmente o Vice-Presidente Chen Cheng, da China Nacionalista; o General Chang Ching Kuo, filho do General Chiang Kai-Shek e o Ministro do Exterior [p. 6].

Foi um brasileiro, e cearense de Aracati, quem conquistou o honrosíssimo primeiro prêmio nas provas de execução de piano, na categoria reservada aos homens no disputado Concurso Internacional de Execução Musical realizado em Genebra, Suíça. Trata-se de Jacques Klein, o mesmo jovem que no ano passado alcançou o segundo lugar no Concurso Internacional de Munich, entre 62 candidatos de vários países.

Jacques **estudou no Colégio Santo Inácio**, e um dia pretendeu estudar Direito, chegando mesmo a fazer a metade do primeiro ano da Faculdade de Direito da Universidade Católica. Mas, ao que parece, descobriu o erro em tempo [transcrito de *O Jornal* para *A Vitória Colegial*, p. 14, grifos do autor].

Essa estratégia de formação para o sucesso e para a ocupação das funções dirigentes do país também pressupõe que a revista promova sistematicamente certos questionamentos – “Se eu fosse Presidente da República” – para familiarizar seus leitores com essa própria possibilidade.

Além disso, esse “treino” objetiva impor-lhes certos padrões classificatórios, que permitem se perceberem como um grupo dominante no interior da divisão de classes (Bourdieu, 2007, p. 436). Essa ação pedagógica, entretanto, apenas reforça algo que os alunos na prática já vivenciam em seu próprio meio familiar, na medida em que sua moradia – mais de 70% moram em Copacabana⁹, bairro onde, nos anos de 1950,

9. Informação que consta no artigo “Comissão de Construção da Piscina”, de 1953.

residiam políticos de renome, ex-presidentes e intelectuais – reproduz a divisão espacial das classes, conferindo-lhes desde o nascimento um sentimento de pertencimento aos grupos dominantes, conforme o artigo publicado na edição de julho de 1957:

General Craveiro Lopes e Snr. Café Filho, colhidos pela objetiva de nosso aluno, Antonio Luis Accioly, segunda série ginasial.

Sua Excia., o Snr Presidente de Portugal, vai ao apartamento do Snr. Café Filho, em visita de caráter íntimo. Entrada proibida a todos os repórteres e fotógrafos. Mas no mesmo edifício mora o nosso Antônio Luiz, que se mete na comitiva, empunhando a máquina – é uma criança, talvez nem saiba usar a máquina – e deixaram-no passar. E aqui temos esta fotografia, exclusiva para a “Vitória”, num verdadeiro *furo* de reportagem. [p. 26, itálico do próprio texto].

Portanto, a proximidade do poder permite que esse grupo de alunos desde cedo se acostume com sua relação de exceção (Charlot; Pinçon, 2003, p. 27) com quem se encontra justamente na esfera do poder. Essa sensação de sentir-se parte de um grupo restrito da sociedade também pode ser constatada quando a Academia Literária do colégio aspira reativar-se e convida para a sua primeira reunião Manuel Bandeira, membro da Academia Brasileira de Letras; ou, ainda, na ocasião em que o impresso publica um artigo sobre a Pontifícia Universidade Católica e outro sobre as qualidades que um engenheiro deve possuir e têm, como seus autores, respectivamente, o próprio secretário geral da Universidade Católica e o diretor da Escola Politécnica da mesma universidade. Consequentemente, o aluno que visitou Formosa só poderia ter sido recebido pelo seu vice-presidente, já que o próprio presidente se encontrava acamado.

Outro aspecto presente na revista e que identifica seus autores/leitores como um grupo restrito de alunos é o seu cosmopolitismo (*idem*, p. 18). São abundantes os artigos que descrevem as viagens dos alunos pelas capitais do país, Europa, Estados Unidos ou América Latina, seja de navio ou avião:

Meu pai prometeu-me, se passasse de ano, que mamãe e eu iríamos a Lisboa. Embarcamos numa companhia de aviões já minha conhecida, a British South American Airways, no dia 2 de janeiro deste ano [“Minha viagem a Portugal”, maio 1952, p. 13].

Passamos, minha família e eu, as últimas férias de verão nos EE.UU. Partimos a quinze de dezembro, largando o navio às sete horas. Estivemos uma semana em Filadélfia, partimos depois para Pittsburgh, de ônibus, onde permanecemos onze dias.

Seguimos de carro para Nova York, onde passamos os restantes seis dias, antes da partida do “Brasil”, num transatlântico de mais de 750 passageiros, deslocando trinta e três mil toneladas.

Fizemos excelente viagem, com paradas em Cuba, Haiti, e Trinidad, e animadíssimo cruzamento do Equador [“Minha viagem aos Estados Unidos”, maio 1957, p. 5].

Ricardo Joppert aproveitou à viagem a China Nacionalista para visitar, em companhia de sua mãe, o Japão, Hong-Kong, Bangkok e a Itália. Seu pai foi encontrar-se com ele em Roma, de lá regressando à família num aparelho da Panair [“Um aluno do Santo Inácio visita Formosa”, maio 1958, p. 7].

A esse tipo de depoimento soma-se a presença de propagandas de algumas companhias aéreas – Panair, KLM e Air France –, além da publicação, em inglês, em julho de 1953, do convênio firmado entre o Instituto Brasil-Estados Unidos e o Colégio Santo Inácio, equiparando o seu curso de inglês ao do instituto, com o objetivo de seus alunos terem acesso, “sem restrições”, ao exame do Certificado de Proficiência, oferecido anualmente pela Universidade de Michigan, por intermédio daquele instituto.

A última estratégia da revista a ser ressaltada, no que tange à produção de uma elite estudantil, refere-se às permanentes ligações que estabelece entre seus leitores e a universidade, sugerindo-lhes que este seria o caminho natural a ser trilhado. “O Santo Inácio nas Universidades”, anualmente publicado com o nome dos aprovados, o curso que escolheram e universidade na qual vão continuar seus estudos; “Semana de orientação profissional”, que trata de “assuntos relacionados com seis diver-

sas atividades” – medicina, agronomia, carreira das armas, engenharia, direito e o sacerdócio – e os artigos “A vocação de médico”, “Você quer ser engenheiro?”, “Para os futuros advogados”, “Passeio dos menores à Universidade Rural”, mostram a existência de uma proximidade entre o colégio e os meios acadêmicos, por meio da construção de uma ideia de continuidade entre esses dois espaços sociais (Almeida, 1999, p. 106).

Tendo como inspiração os artigos citados, quando os menores são convidados a escrever na revista acerca de seu futuro em “Quero ser...”, publicado em outubro de 1952, afirmam:

Médico, isto me cheira bem, mas é muito arriscado, pois, se eu pegar todas as doenças estarei frito. Poderia ser arquiteto, mas nem sei direito o que quer dizer isto [p. 3].

Quero curar crianças, quero ter sempre meu consultório cheio de crianças. Pois acho que ser médico é uma boa profissão [p. 3].

Poderei ser advogado para salvar gente de encrencas, ou engenheiro para fazer grandes edifícios [p. 3].

Emblemático é o artigo de 1956, sobre a inauguração do curso primário do colégio. Chama atenção para as suas “excelentes” instalações, no mesmo prédio que originariamente serviu de sede para a Universidade Católica que nasceu no Colégio Santo Inácio, à Rua São Clemente. Desse modo, as salas de aula, o pátio e os corredores por onde os menores transitariam já se encontravam marcados por uma história que antecipadamente os conectaria à universidade.

Essa prática da revista, de esquadrinhar um perfil de aluno que se perceba como aluno em potencial dos melhores cursos das universidades dominantes do Distrito Federal, fica ainda mais notória por meio do artigo “Colégios e universidades da Companhia de Jesus”, de abril de 1954, cuja função é reforçar a excelência de seus estabelecimentos educacionais por sua presença secular em vários países.

Nesse caso, o diploma do Colégio Santo Inácio, ao validar a entrada de seus alunos nas melhores universidades, garante-lhes a sua distinção

e, ao mesmo tempo, transforma-os em continuadores dessa tradição já comprovada pelas gerações anteriores.

Portanto, *A Vitória Colegial* funcionaria como um veículo de alunos que, cientes de sua posição de herdeiros de uma linhagem de escolas dominantes no cenário educacional nacional e mesmo mundial, buscam disseminar essa crença aos seus leitores, transmitindo em seus artigos determinado estilo de vida que necessitaria ser perpetuado pelas novas gerações (Charlot; Pinçon, 2003, p. 12). É possível verificar esses fatos nas próprias palavras do ex-aluno Satyro de Oliveira, que, em “Recordações inacianas”, ao ingressar na Faculdade de Direito, registra na revista seu depoimento dos anos vividos no colégio:

As magníficas aulas, ministradas pelos preclaros professores do selecionado corpo docente do Colégio Santo Inácio, serão de grande utilidade para nós, bem como os conselhos ponderados dos ilustres continuadores de Anchieta e Nóbrega, lídimos construtores da civilização brasileira, alicerçada no amor à Pátria e à Religião [ago., 1950, p. 1].

Considerações finais

A exposição revela quanto é possível aproximar certos estudos no âmbito da história da educação a alguns temas da sociologia atual. Permite que se perceba as revistas escolares de colégios católicos como fontes/objetos significantes para a compreensão da educação escolar de nossas elites. Indica, ainda, a possibilidade de um intercâmbio teórico-metodológico no que se refere às reflexões acerca da característica intersticial da liberdade do indivíduo (Levi, 2006, p. 181) e sua relação com o todo social.

Também chama a atenção para a eficácia da revista na produção de um discurso que permite, pelo menos, duas considerações: enquanto a primeira diz respeito ao tipo de liberdade que o grupo de alunos exercia sobre a revista, a segunda revela que essa liberdade, moldada pela dire-

ção da escola, incutiria nos próprios alunos a certeza de que possuiriam certas qualidades que os posicionariam como um grupo à parte dos demais grupos de alunos.

Portanto, *A Vitória Colegial* mostra-nos que, quanto mais fortes e estruturantes forem os mecanismos de reprodução, maior será a chance de não serem percebidos e, conseqüentemente, maior será a tendência de que sejam experimentados como algo positivo e inquestionável (Charlot, Pinçon, 2003, p. 16). Aos leitores de *A Vitória Colegial* caberia compartilhar com seu *éthos*, já que o estilo de ser dela oriundo é o estilo próprio desse grupo de alunos, seus autores e leitores, que apenas conhece e reconhece esse modo de existir.

Pode-se, então, afirmar que a escolarização das elites das escolas católicas implica mais do que a simples instrução: pressupõe um trabalho educacional amplo, que tem como base a formação intelectual, cultural e espiritual. Esta, por sua vez, é alcançada mediante interiorização de certos comportamentos e atitudes que se expressam segundo uma autodisciplina, tanto da mente quanto do espírito, entendida como uma forma de assegurar a posição social anteriormente garantida pelo nascimento (idem, p. 20).

Desse modo, as ações dos indivíduos na produção e no consumo da revista encontrar-se-iam impregnadas por certa maneira de existir que, ao determinar sua escrita e leitura, moldaria, inclusive, a própria característica intersticial da liberdade de quem escreve e lê a revista.

O comportamento idiossincrático, portanto, estaria, em grande parte, fora do repertório dos artigos publicados. Por exemplo, aquele que se refere a um possível fracasso escolar, “Explicação de um fracasso”, de 1952, detecta em poucas palavras as razões de um possível insucesso – “distração!” e “falta de estudo” –, nada que um simples esforço pessoal não resolva, já que as condições para o sucesso já foram dadas.

Referências bibliográficas

A VITÓRIA COLEGIAL. Rio de Janeiro: Editora Carioca, exemplares de 1950-1959.

ALMEIDA, Ana M. F. *A escola dos dirigentes paulistas*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

BOMENY, H. Utopias da cidade. In: GOMES, A. C. (Org.). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, CPDOC, p. 144-161, 1991.

BOURDIEU, P. *A distinção*. São Paulo: EDUSP, 2007.

_____. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996.

_____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

BRAUDEL, F. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BURKE, P. *Sociologia e história*. Porto: Afrontamento, 1980.

CHARLOT, Monique P.; PINÇON, M. A socialização dos herdeiros ricos na França. In: ALMEIDA, Ana M. F.; NOGUEIRA, Maria A. *A escolarização das elites: Um panorama internacional da pesquisa*. Petrópolis: Vozes, p. 11-28, 2003.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Lisboa: Difel, 1990.

COLÉGIO SANTO INÁCIO 1903 -2003: uma história que começou com o 1º colégio carioca. Rio de Janeiro: Santo Inácio, 2004.

ELIAS, N. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1999.

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. *O processo civilizador*, vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

GOMES, Ângela C. Introdução. In: _____. (Org.). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, CPDOC, p. 1-8, 1991.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

MAINWARING, S. *Igreja católica e política no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MOTTA, Marly S. da. *Saudades da Guanabara*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena M.; COSTA, Vanda M. R. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

Miriam Waidenfeld CHAVES

VELLOSO, Mônica P. A dupla face de Jano: romantismo e populismo. In: GOMES, Ângela, C. *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, CPDOC, p. 122-143, 1991.

Endereço para correspondência:

Miriam Waidenfeld Chaves

Rua Cupertino Durão, 219

Bloco b, apto. 904 – Leblon

Rio de Janeiro – RJ

CEP 22441-030

E-mail: miriamfeld@terra.com.br

Recebido em: 17 dez. 2008

Aprovado em: 6 ago. 2009